



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CURSO SUPERIOR EM HISTÓRIA
CAMPUS DE PORTO NACIONAL**

NAZARETH DIAS FERREIRA

**REALIDADE E FICÇÃO EM PORTO NACIONAL: UMA ANÁLISE DO FILME “A
MASSA QUE FAZ O PÃO” (2018).**

**PORTO NACIONAL-TO
2022**

NAZARETH DIAS FERREIRA

REALIDADE E FICÇÃO EM PORTO NACIONAL: UMA ANÁLISE DO FILME –A
MASSA QUE FAZ O PÃO| (2018).

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Tocantins, *Campus* de Porto Nacional, como requisito de avaliação parcial na disciplina de TCC II.

Orientado pelo Professor Dr. Rodrigo Poreli Moura Bueno.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

F383r Ferreira, Nazareth Dias.
Realidade e ficção em Porto Nacional: uma análise do filme - A massa que faz o pão (2018). / Nazareth Dias Ferreira. – Porto Nacional, TO, 2022.
29 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de História, 2022.

Orientador: Rodrigo Poreli Moura Bueno

1. Cinema. 2. História. 3. Análise Filmica. 4. Ficção. I. Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

NAZARETH DIAS FERREIRA

REALIDADE E FICÇÃO EM PORTO NACIONAL: UMA ANÁLISE DO FILME –A
MASSA QUE FAZ O PÃO (2018).

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional-TO curso de História foi avaliado para a obtenção do título de graduado em História e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora

Data de Aprovação: 15/06/2022

Banca examinadora:

Dr. Rodrigo Poreli Moura Bueno (UFT)
Prof. Orientador

Dr.^a Angela Teixeira Arthur (UFT)
Prof. Examinador

Dr. George Leonardo Seabra Coelho (UFT)
Prof. Examinador

PORTO NACIONAL-TO
2022

Dedico este trabalho a minha mãe pelo apoio e carinho aos meus irmãos em especial a minha esposa e o meu filho, pelo apoio incondicional nessa caminhada e a Deus, pois, sem ele nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus e a minha família pelo apoio e incentivo nessa conquista. Aos discentes e docentes da UFT - Campus Porto Nacional. O professor Dr. Rodrigo Poreli Moura Bueno, pela orientação, dedicação e compreensão na construção deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar a interação e as relações da convergência entre História e Cinema, aborda a representação da –realidade *versus* ficção em Porto Nacional por meio da obra cinematográfica “*A massa que faz o pão*” do diretor Hélio Brito (2018)¶, O objetivo geral foi abordar uma análise do filme enfatizando realidade e ficção dentro da cultura local portuense. Tendo como objetivos específicos; assistir minuciosamente o filme a fim de extrair material de estudo por meio do cenário, contexto e fala; analisar a relação entre História e Cinema e seus aspectos teóricos e práticos. O trabalho científico foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica sobre as relações entre História Cinema e análise fílmica da obra, com base nos dados coletados na pesquisa foi constatado que a relação cinema e história, são de grande importância, sua parceria contribuiu para a afirmação do cinema como arte, tendo em vista que o cinema possibilita recriar a história em sua particularidade ficcionista épica ou surrealista. O curta-metragem de Hélio Brito, e um filme de ficção com linguagem surrealista épico que constrói a história ficcionista de Porto Nacional, transcorrida numa cidade imaginária é, na verdade, uma fusão que faz parte dos registros históricos e do que faz parte do universo fílmico do realizador, é a representação da realidade histórica e uma ficção com abordagem surrealista.

Palavras-Chave: Cinema. História. Análise Fílmica.

ABSTRACT

This paper aims to present the interaction and relations of the convergence between History and Cinema, addresses the representation of "reality versus fiction in Porto Nacional through the cinematographic work "The dough that makes bread" by director Hélio Brito (2018)", The general objective was to address an analysis of the film emphasizing reality and fiction within the local culture of Porto Nacional. Having as specific objectives; to watch the film thoroughly in order to extract study material through the scenario, context and speech; to analyze the relationship between History and Cinema and its theoretical and practical aspects. Based on the data collected during the research, it was found that the relationship between cinema and history is of great importance, and that their partnership has contributed to the affirmation of cinema as art, since cinema makes it possible to recreate history in its fictional, epic, or surrealistic particularity. Hélio Brito's short film, a fiction film with an epic surrealist language that builds the fictionalized history of Porto Nacional, set in an imaginary city, is, in fact, a fusion that is part of the historical records and of what is part of the filmmaker's film universe; it is the representation of historical reality and a fiction with a surrealist approach.

Keywords: Cinema. History. Filmic Analysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA.....	13
2.1 TIPO DE PESQUISA.....	13
3 HISTÓRIA E CINEMA.....	14
3.1 HISTÓRIA DO CINEMA	14
3.2 COMO O CINEMA SE TRANSFORMOU EM FONTE HISTÓRICA	15
3.3 A IMPORTÂNCIA DO CINEMA	17
3.4 FICÇÃO E REALIDADE.....	18
4 ANÁLISE DA OBRA	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista que a interação do homem em seu meio social admita proporcionar inúmeras transformações socioculturais ao passar do tempo, sejam no contexto político ou artístico, que permite a possibilidade de uma gama de pluralidade de vozes, visões e versões. Neste contexto, o cinema é um poderoso instrumento de influência individual e coletiva, que cumpre importante função social no amplo campo das manifestações da atividade humana.

O presente trabalho aborda a representação da –realidade *versus* ficção em Porto Nacional por meio da obra cinematográfica –A massa que faz o pão (2018) (Silas, 2018), gravado ao longo do mês de março de 2018, e finalizado em setembro do mesmo ano, protagonizado pelos atores Fernando França, Kaká Nogueira e Éverton dos Andes. O filme tem a produção-executiva de Sandra Alves, direção de fotografia de Franco Sehabra, produção de elenco, de Maria Lúcia Rocha e trilha sonora de Esdras Campos. O roteiro e a direção ficaram por conta de Hélio Brito. Com duração de 15 minutos, o curta é uma realização das produtoras HB Videofilmes e Krahô Films.

O filme –A Massa que faz o Pão (2018), do diretor Hélio Brito foi vencedor da Mostra Tocantins pelo Júri Popular no Festival de Cinema e Vídeo do Tocantins (Chico).

Conforme (SILAS, Wesley, 2018).

Numa cidade imaginária chamada Pontal do Norte acontece uma solenidade pública para inauguração de um monumento comemorativo aos 150 anos de construção da famosa Catedral de São Domingos do Pontal. Entretanto, um desentendimento em relação aos nomes de colaboradores que deveriam constar na placa comemorativa, transforma o local em praça de guerra (SILAS Wesley, 2018/16/abril – 21h50min).

Assim, dessa forma, o cineasta Hélio Brito trabalha as atmosferas da diversidade cultural histórica de Porto Nacional correlacionando-se com a ficção do filme –A massa que faz o pão (2018). O curta-metragem é um daqueles filmes que proporciona a representatividade de época, mas não é de época apenas por nostalgia ou facilidade ele usa a sua época como um modo de falar de coisas universais e intemporais. O filme utiliza com facilidade a montagem intercalada entre as histórias das suas personagens. –A massa que faz o pão (2018), um filme de ficção com linguagem surrealista, utiliza-se o modo metódico, a encenação precisa e cuidada com que tudo se encadeia. O curta-metragem e o primeiro filme tocantinense a utilizar o moderno sistema de som 5.1, aquele utilizado pelas melhores salas de cinema, onde o som ecoa de cinco pontos diferentes da sala de projeção, proporcionando a sensação de se estar dentro do filme.

Importante dizer ainda que a obra foi –selecionada para participar do 13º Festival Latino-Americano de Cinema de Canoa Quebrada, no estado do Ceará (MOREIRA, 2021).

Diante disso, despertou-se o interesse e atenção por aprofundar e desenvolver o presente trabalho, buscando estudar o cinema como uma manifestação cultural e como essa manifestação constrói visões sobre a memória e sobre expressões culturais de certa comunidade social.

Um exemplo dessas expressões culturais é a representação da dança no filme. A dança está enraizada na cultura e história de um determinado grupo conforme Santos, Lóde e Ventura (2009).

A dança por sua vez, emerge deste complexo de atividades humanas, como uma das manifestações do ser racional, traduzidas em linguagem gestuais através da história da humanidade. Percorrendo as mais variadas civilizações, a dança desponta como uma das expressões mais significativas, pois através dela é possível conhecer os hábitos e costumes da sociedade (RANGEL, 2000 p. 33 apud SANTOS, LÓDE e VENTURA, 2009, p. 2).

Assim conforme afirma Medina (2008), em -As representações da dança: uma análise sociológica; a tradição da dança representa e reproduz o modo de vida através de seus movimentos e de seus instrumentos musicais, portanto -a dança representa os símbolos e significados da maneira de viver dos grupos sociais (MEDINA, 2008, p.110).

No curta-metragem observamos a dança refletindo a característica daquele povo, que mesmo sujeito ao trabalho escravo que exigia muito esforço físico por demasiadas horas encontravam na dança uma alegria e distração. Portanto as formas de manifestações, tradições conhecidas atravessaram os séculos e hoje não é somente uma tradição herdada, é a memória cultural de um povo.

No cinema é possível identificar recursos migrados do teatro tal como a luz artificial, que permite maior visibilidade aos detalhes de cada imagem e possibilita a criação artística em qualquer tipo de ambiente imaginário: realista, expressionista ou surrealista, sendo esse último predominantemente identificado como a linguagem narrativa do curta metragem em estudo (MOLETTA, 2019).

Diante do contexto apresentado anteriormente o presente trabalho apresenta a seguinte questão de pesquisa: como o cineasta representa a cultura local e como se dá a relação entre ficção e realidades históricas?

Tendo em vista que o interesse em realizar essa pesquisa surgiu a partir da proximidade com o curta-metragem, visto que, é nesse contexto que o pesquisador desenvolve suas atividades profissionais, e cotidianamente se depara com a busca por melhores desempenhos.

Entende-se que o tema é relevante para a comunidade acadêmica, pois, visa produzir conhecimento e fomentar debates a respeito do mesmo. É importante para a sociedade, uma vez que, os debates produzidos na academia visam melhorias para a sociedade como todo.

Assim, esse trabalho e suas ações tornam-se relevantes não somente para o pesquisador, mas também para o meio acadêmico, e para a sociedade local de modo geral. Vale ressaltar que, embora já tenha havido alguns trabalhos com a temática apresentada, ainda é perceptível os desafios que precisam ser superados. Portanto o desenvolvimento do tema é justificado pela notoriedade que o filme em termos locais e estaduais, e inclusive ensejou a abertura de possibilidades quanto ao estudo no campo da história cultura cinema, bem como visitas as obras construídas há vários anos atrás, despertando interesse e fomentando o turismo, e comercio local da cidade de Porto Nacional – TO.

O presente trabalho teve como objetivo geral abordar uma análise do filme enfatizando realidade e ficção dentro da cultura local portuense. Tendo como objetivos específicos; Assistir minuciosamente o filme a fim de extrair material de estudo por meio do cenário, contexto e fala; Analisar a relação entre História e Cinema e seus aspectos teóricos e práticos; Analisar e abordar representações da dança que é uma das características que o filme trabalha sobre o imaginário da cultura local.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

Gil, (2002) aponta que a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, e que a escolha dos métodos, técnicas e outros procedimentos científicos devem ser sempre criteriosos.

Aqui utilizar-se-á a análise fílmica. Segundo Macêdo e Cavalcanti (2013), –A análise fílmica constitui-se importante no ensino, através do conhecimento de técnicas e metodologias de análise. De acordo com Macêdo e Cavalcanti (2013), P. 52 apud Vanoye e Goliot-Lété, –analisar um filme é também situá-lo num contexto, numa História. Ou seja, interpretar o contexto em que o filme se insere, a época, a cultura, a sociedade.

Junto disso, realizou uma pesquisa historiográfica e bibliográfica sobre as relações entre História Cinema. Reforçando a relevância da pesquisa bibliográfica, tem-se que:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32 apud SOUSA, OLIVEIRA E ALVES, 2021, p. 66).

Por isso, a primeira fase da pesquisa consistiu em uma série de levantamentos bibliográficos. No entanto, faz-se a ressalva de poucos trabalhos produzidos nesta temática de pesquisa, assim utilizaram-se referenciais da área do Cinema, e da área da Cultura, para fundamentar teoricamente a pesquisa, contribuindo para novos levantamentos sobre a temática.

Assim sendo a segunda fase foi realizada uma análise do filme –A massa que faz o pão (2018), levando em conta o contexto cultural presente nesta obra e a percepção que é proposta aos espectadores –considerando o impacto emocional, e por fim o que termina em se tornar ficcional.

Neste sentido, Silva (2015, p. 4127), busca através de Kornis (1992) a ideia de que a fonte fílmica permite múltiplos olhares e interpretações:

É uma imagem-objeto de múltiplas vozes, então cabe ao historiador reagrupar certos elementos icônicos selecionados dentro de um conjunto maior. E, além disso, conforme Napolitano (2011), o mais importante na análise é compreender o motivo ‘das adaptações, omissões, falsificações que são apresentadas num filme’, articulando a linguagem cinematográfica e as representações da realidade histórica ali encontrada; grosso modo, responder às perguntas: –o que um filme diz e como o diz?.

3 HISTÓRIA E CINEMA

3.1 História do cinema

O cinema possibilita um vasto campo de comunicação por diferente forma e meio de linguagens e quando de fato isso aconteceu? Segundo Bernardet (1980), em -O que é Cinema; o Cinema teve a sua primeira exibição no século XIX e neste caso esta história está diretamente relacionada à progressiva capacidade de identificar a imagem cinematográfica à percepção natural. Ainda com Bernardet (1980), os irmãos Auguste e Louis Lumière ficaram conhecidos pelo filme de curta duração "A chegada do trem à estação de La Ciotat" em 28 de dezembro de 1895 protagonizando esse momento histórico e trazendo repercussão pelas estratégias inserida nesse curta.

No dia da primeira exibição pública de cinema - 28 de dezembro de 1895, em Paris - , um homem de teatro que trabalhava com mágicas, Georges Méliès, foi falar com Lumiere, um dos inventores do cinema; queria adquirir um aparelho, e Lumiere desencorajou-o, disse-lhe que o -Cinématógrapho" não tinha o menor futuro como espetáculo, era um instrumento científico para reproduzir o movimento e só poderia servir para pesquisas (BERNARDET, 1980, p. 5).

Indo ao encontro com este entendimento, Marçal (2006) reitera que o cinema, independente das discussões, expandiu-se cativando as pessoas das cidades em um ritmo progressivo. O público estava admirado com as imagens em movimento vendo se atraindo em experimentar novas experiências corporais e sensoriais. -O novo forjando-se no velho ocorre de tal forma que se alimenta uma perspectiva de transformação, isto é, projeta-se um futuro (MARÇAL, 2006, p. 3).

No final do século XIX é a época da transformação da produção, das relações de trabalho, da sociedade, com a Revolução Industrial; Bernardet (1980), no artigo -O que é Cinema acentua que -a máquina cinematográfica não caiu do céu. Nos Estados Unidos e em países europeus foram se destacando as pesquisas para a produção de imagens em movimento. -Dessa época, fim do século XIX, início deste, datam a implantação da luz elétrica, a do telefone, do avião, etc., etc., e, no meio dessas máquinas todas, o cinema será um dos trunfos maiores do universo cultural (BERNARDET, 1980, p. 7). Assim esse recurso tecnológico o cinema dos primeiros tempos, foi comercializado e produzido no final do século XIX e na primeira década do século XX.

3.2 Como o cinema se transformou em fonte histórica

O cinema pode ser compreendido a partir de suas dimensões cognitivas relacionada ao instrumento da cinematografia como sendo um meio eficaz de comunicação, que possibilita entendê-lo enquanto linguagem com multipotencialidade. Neste sentido, a representação que se tem do cinema, abordada por Barros (2017), é que o cinema é ‘_agente da História’. –O cinema é ‘_produto da História’ – e, como todo produto [...] isto é, a sociedade que o contextualiza, que define a sua própria linguagem possível, que estabelece os seus fazeres, que institui as suas temáticas (BARROS, 2017, p. 26). Diferentemente de outros como o rádio e a própria televisão o cinema permite várias possibilidades de interpretações, observando a forma como os elementos visuais e auditivos são estruturados.

Barros (2017), em seu artigo –Cinema-História: Múltiplos aspectos de uma relação; abordam que a partir dessa relação história e cinema que iniciou se no século XX possibilitou inúmeras transformações que contribuíram para afirmação do cinema como arte.

Cinema e História, de fato, têm desenvolvido relações bastante íntimas desde que os primeiros filmes começaram a surgir por volta do alvorecer do século XX, e pode-se dizer que estes dois campos da atividade e da criação humana não cessaram de intensificar progressivamente suas possibilidades de interação à medida que o Cinema foi se firmando como a grande arte da contemporaneidade (BARROS, 2017, p. 18).

Assim a relação Cinema e História possibilita a representação histórica através da recriação de determinado período histórico.

Ainda com Barros (2017), o cinema pode ser visto ele mesmo como agente histórico e que mostra se um –agente históricol importante no sentido de que interfere direta ou indiretamente na História.

O cinema, então, mostra-se como poderoso instrumento de difusão ideológica, ou mesmo como arma imprescindível no seio de um bem articulado sistema de propaganda e marketing. Por isso mesmo, em uma primeira instância, já se mostra bastante interessante para os historiadores contemporâneos a possibilidade de examinar sistematicamente as relações entre Cinema e Poder, o que [...] fará da arte fílmica e das práticas cinematográficas um importante objeto de estudo para a História Política (e não apenas para a História Cultural) (BARROS, 2017, p. 23).

De acordo com Meirelles (2002), o trabalho do cineasta se aproxima ao trabalho do historiador, uma vez que a montagem do filme é feita a partir de uma seleção de representações de uma realidade, escolhidas a maneira do autor. Segundo Meirelles (2002), –ao historiador o Cinema, enquanto documento, oferece inúmeras oportunidades de análisell (MEIRELLES, 2002, p.159). A mensagem cinematográfica depende da produção do filme, já que é possível mostrar interpretações históricas diversas. O filme, por ser um registro de uma linguagem de um período, serve como testemunha. Isto é o filme e uma reconstituição de um

fato histórico do passado ou uma ficção sobre o futuro, ele mostra o ponto de vista de uma sociedade sobre o passado ou do futuro.

Portanto a Historiografia do Cinema Brasileiro, desde 1979 de acordo com Schvarzman (2016), Jean Claude Bernardet foi um dos primeiros a refletir sobre essas questões do cinema brasileiro. A história do cinema brasileiro surgiu dentro de suas possibilidades. As histórias do cinema americano e europeu haviam empregado as formas consagradas, construindo um cunho evolucionista para uma história factual, comparando ao desenvolvimento biológico ao desenvolvimento do cinema.

Do mesmo modo, ao longo dos anos o cinema ultrapassou fronteiras, pois independentemente do local de exibição, espaçoso, aconchegante ou pequeno, se utiliza dos melhores recursos audiovisuais ou de recursos que se têm disponíveis sempre contará com um público interessado por tal entretenimento, seja ele com intuito de lazer, aprendizagem ou curiosidade.

Marçal (2006), no artigo, -Cinema: A modernidade e suas formas de entretenimento evidenciam que -o cinema compõe em torno de si uma variedade de experiências e comportamentos, ora forjando estilos, ora servindo de espaço de convivência para diversas manifestações culturais (MARÇAL, 2006, p.1). A importância do cinema não está somente na representatividade de determinado período histórico e seus aspectos culturais, mas também para serem utilizados em pesquisa.

Além disso, neste sentido o artefato cultural é, pode e deve ser explorado como forma de discurso que contribui para as manifestações culturais. Seguindo neste entendimento, Carmen Tatiane Oliveira Rodrigues e Mariléia Oliveira Bispo (2015) reiteram que as danças sempre foi um valioso elemento cultural da humanidade.

É preciso entender que ela não é algo com começo e fim, mas um produto da história de cada sociedade, de uma forma de vida, ela é o resultado de uma interação contínua entre pessoas de determinadas regiões, e que é passada de geração em geração por um longo período de tempo, pois retrata a cultura de um povo. Segundo Fr. Ribeiro (1982) consiste num conjunto global de modo de fazer, ser, interagir e representar que produzidos socialmente, envolvem simbolização e por sua vez definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve (RODRIGUES, BISPO, 2015, p.3).

Quando se pensa em Cinema no âmbito da História Social, conforme Macedo (2019) afirma que a representação da localidade por abordar os pontos turísticos palco e cenário do filme, imagens estas na cidade considerada -berço da cultura do Tocantins, tanto que outros filmes e documentários já foram gravados em diversos pontos da cidade. -Esses são alguns dos retratos de Porto Nacional que mais costumam aparecer na telona, e são, em parte, os motivos pelos quais colocam a cidade no radar de muitos cineastas e produtores audiovisuais

em suas gravações (MACEDO, 2019). Outro ponto válido ressaltar que o cineasta do filme é natural de Porto Nacional e inclusive já conta com dezenas de filmes no currículo.

Portanto, vale apenas mencionar que o filme *-A Massa que faz o Pão*, do diretor Hélio Brito 2018 e dentre tantos outros filmes estão além da apresentação de uma simples história. Deste modo é perceptivo que o cinema é um veículo de comunicação e entretenimento, arte que expressa ideologias provoca reflexão e entre estas, destacamos aqui os fatos históricos ao mesmo tempo diverte, fascina e comove o público. Para o âmbito das relações entre Cinema e História, Barros (2017) em *-Cinema-História: Múltiplos aspectos de uma relação* evidencia que, interessa particularmente a possibilidade de a obra cinematográfica funcionar como meio de representação ou como veículo interpretante de realidades históricas específicas, ou, ainda, como linguagem que se abre livremente para a imaginação histórica.

O filme tem como principal foco abordar a ficção e realidade da cultura local. Com repercussão e destaque do filme em nível local e estadual que favorece o incentivo do turismo por parte dos telespectadores em conhecer pessoalmente centro histórico de Porto Nacional, que promove desenvolvimento do comércio: hotelaria, restaurantes, lojistas. Corroborando nesta direção, Oliveira e João (2019) apud Napolitano (2010) diz:

O que importa é não analisar o filme como *-espelho* da realidade, ou como *-veículo* neutro das ideias do diretor, mas como o conjunto de elementos, convergentes ou não, que buscam encenar uma sociedade, seu presente ou seu passado, nem sempre com intenções políticas ou ideológicas explícitas. Essa encenação fílmica da sociedade pode ser realista ou alegórica, pode ser fidedigna ou fantasiosa, pode ser linear ou fragmentada, pode ser ficcional ou documental. Mas é sempre encenação, com escolhas predeterminadas e ligadas a tradições de expressão e linguagem cinematográfica que limitam a subjetividade do diretor, do roteirista, do ator (NAPOLITANO, 2010, p. 276 apud OLIVEIRA e JOÃO, 2019, p. 10).

3.3 A importância do cinema

O Cinema não é apenas uma forma de expressão cultural, mas também um meio de representação. Neste sentido, a representação que se tem do cinema, abordada por Barros (2017), é que um filme é uma história contada através das imagens. *-O Cinema não é apenas uma forma de expressão cultural, mas também um meio de representação. Através de um filme representa-se algo, seja uma realidade percebida e interpretada, ou seja, um mundo imaginário livremente criado pelos autores de um filme* (BARROS, 2017, p. 19).

Portanto diante desse contexto novas linguagens e novas formações culturais, surgem nas quais os filmes e os artefatos visuais atuam como objetos de circulação informativos do conhecimento. A linguagem comunicativa expressada pelo cinema cada vez mais tem

contribuído na dinamização do processo de aprendizagem das pessoas. Para Barros (2017), o Cinema e História constitui em algo novo, considerar o que um campo poderia incorporar do outro, poderia ensinar aos historiadores uma nova maneira de fazer a História e de representá-la, e a História poderia ensinar ao Cinema uma nova maneira de seu auto perceber historicamente.

O Cinema se integra à História de múltiplas maneiras: como sujeito que interfere na própria História, como fonte para a compreensão desta mesma História, como meio para representar a História, como linguagem e tecnologia da qual pode se apropriar a História, para além, é claro, de um processo que pode ser ele mesmo historiado na perspectiva mais tradicional de uma História do Cinema (BARROS, 2017, p. 18).

3.4 Ficção e realidade

Tendo em vista que a sociedade no Cinema pode ser reproduzida no gênero documentário quanto na ficção. Segundo Juliana (2014), Alcides Freire Ramos afirma que é comum acreditar que o documentário se aproxima mais da realidade do que os filmes de ficção, mas é preciso abandonar essa ideia, encarando o documentário não como uma reprodução fiel do real, mas sim como um discurso de um autor, para que assim ele possa ser considerado uma fonte de pesquisa e ensino da História. Ainda com Juliana (2014), Jean-Claude Bernadet diz que ambos os gêneros representam a realidade a sua maneira, desde que se façam questionamentos certos para cada tipo de filme.

Segundo Juliana (2014), os autores Bernadet e Ramos, em -Cinema e História do Brasil; afirmam que o filme documentário é muitas vezes definido como uma reunião de filmagens de fatos que ocorreriam independentemente da realização de um filme, em contraposição do filme de ficção, que é a filmagem de uma situação pensada, preparada e representada justamente para este fim. -Essa definição é clara e precisa e, se fosse totalmente verdadeira, seria um ideal (BERNADET, RAMOS, 1998, p.36 apud JULIANA, 2014, p.28). Ademais Juliana (2014), afirma que a ficção é produto do imaginário do homem, e, que, desde a criação até sua recepção, é um processo de projeção-identificação, no qual a mensagem depende do consenso ideológico e cultural do autor e do telespectador. Juliana (2014) reitera que segundo o crítico Adonias Filho, o Cinema é dependente da ficção. E que a linguagem cinematográfica tem o potencial de garantir o espaço e a narrativa do romance ou do drama, pois —os elementos fundamentais da ficção, como se verifica, subsistem no filme (ADONIAS FILHO, 2010, p.118 apud JULIANA 2014 p. 29), é que e exatamente por esses elementos funcionarem no Cinema que esta dependência existe.

Portanto para Barros (2017), o Cinema através de sua produção fílmica, e não apenas dos documentários históricos, também pode ser utilizado para ensinar História ou, mais ainda, para veicular e até impor uma determinada visão da História. Ainda com Barros (2017), há outra possibilidade de apreensão das relações possíveis entre Cinema e História.

Tanto os historiadores podem estudar os usos políticos e educacionais que têm se mostrado possíveis através do Cinema, como de igual maneira os pedagogos (e também os professores de história) podem utilizar o Cinema para difundir o saber histórico e historiográfico de uma determinada maneira (BARROS, 2017, p. 21).

Segundo Cristiane (2006), partindo do pressuposto de que –todo filme é um filme de ficção (AUMONT, 1999, p.70), desta forma, o cinema tem o poder de transformar objetos, pessoas e narrativa em ausentes no tempo e no espaço. –O cinema pode ser compreendido como uma estrutura plural que engloba produção, consumação, hábitos, criatividade, valores simbólicos e imaginários que dizem respeito a uma sociedade específica (CRISTIANE 2006, p. 2), portanto conforme Cristiane (2006) é possível pensar que todo filme de –ficção ou –documental representa o irreal no sentido de que aquilo que vemos na tela é justamente o ausente.

De acordo com Morettin (2003), Para o autor Marc Ferro, a oposição entre ficção e documentário, baseada na sua relação com o real, deve ser matizada, pois ambos informam uma –realidade social de natureza diversa.

Além das informações trazidas de forma quase inconsciente pelo diretor (objetos, gestos, atitudes ou comportamentos sociais – novamente), em uma película de ficção que recorre às imagens tomadas em exteriores, temos –toda uma informação documentária (...) que é da mesma natureza que a da reportagem, mesmo se ela não tem a mesma função nos dois tipos de filme (MORETTIN, 2003, p.23).

Portanto para o autor Marc Ferro, segundo Morettin (2003), os gêneros cinematográficos existem e devem ser entendidos enquanto tais, sem que estas diferenças se tornem um impedimento para o trabalho do historiador. Desta maneira, –a obra cinematográfica, independente do gênero, captará imagens, consideradas reais, sobre algum aspecto da sociedade (imaginário, economia etc.) (MORETTIN, 2003, p.24).

4 ANÁLISE DA OBRA

Se em sua produção cinematográfica a metalinguagem faz-se presente como forma de se pensar o cinema por meio da exposição e problematização de questões dependente à produção cinematográfica, Hélio Brito dá mostras do poder que tem o desenvolvimento de sua narrativa.

Em —A massa que faz o pãol (2018), o tocantinense reconta a história de Porto Nacional que se faz passar por Pontal do Norte, até então um cineasta documentarista, curtametragista e publicitário. Nos anos 1980 foi Presidente do tradicional Cineclubes Antônio das Mortes de Goiânia e vice-presidente da Associação Brasileira de Documentaristas (ABDGO).

Nos anos 1990 volta para o Tocantins e monta uma produtora de vídeos publicitários. Conhecido por seus trabalhos. Quando encontra em Porto Nacional e o faz crer que sua —História e a Culturalll seriam interessantes como representações ficcionistas para seu próximo filme. Assim, Hélio Brito o cineasta entra na vida da história centenária de Porto Nacional e tira proveito da historicidade que a cidade tem a oferece para o filme de ficção com linguagem surrealista, —A massa que faz o pãol (2018).

No filme, o portuense reconta a história de um desempregado que se ver passar por espectador, até então um jovem a procura de emprego. Ao encontra a namorada na praça da cidade, Nilton adormece a espera de Indilene, e ao sonhar e impulsionado e o faz crer que esta a procura de emprego, ao passar em frente a uma biblioteca desperta o interesse e curiosidade do ambiente, em meio a tantos exemplares um lhe atenção e impulsiona a leitura, inicia-se uma volta ao passado na cidade chamada Pontal do Norte, onde acontece uma solenidade pública para inauguração de um monumento comemorativo aos 150 anos de construção da famosa Catedral de São Domingos do Pontal e que ao despertar chega a pensar que é real.

Assim, Nilton – o espectador – entra na história ficcionista de Porto Nacional e acabar tendo detrimento de hospitalidade que está sendo oferecido em Pontal do Norte. O episódio é verídico e se passa numa cidade imaginária. Diante disso, um desentendimento em relação aos nomes de colaboradores que deveriam constar na placa comemorativa, transforma o local em uma praça de conflito.

No filme, além de Nilton que é o verdadeiro espectador representando o próprio papel, temos a figura da historiografia portuense representada através da ficção. Sendo a folia, com a dança súcia, com os versos —A formiga que dói é a jiquitaiall, uma dança de manifestação cultural de Porto Nacional, o Centro Histórico contendo casarões centenários, becos e ruas

estreitas, praças, museus e o Rio Tocantins com a formação do lago dentre outros. A que, nos créditos é apresentada para o público, como tendo de este sobrenome a história cultural, o que nos leva a crer que aquelas narrativas ficcionistas no filme são, a representatividade da História de Porto Nacional, através da equipe de filmagem.

No início do filme de ficção com linguagem surrealista, o diretor Hélio Brito procura representar a história de Porto Nacional ao público através da dança, como uma forma de mostra a importância da cidade, resumi-la também ao espectador. Além disso, elementos característicos do lugar estão na obra de Hélio Brito: a importância do cenário, a presença de personagens masculino e feminino dentre outros.

Em —A massa que faz o pão (2018), o diretor Hélio Brito não abandona a busca constante de seus personagens. Seja o expectado o jovem Nilton em busca —chance de ter um emprego; Porto Nacional em busca de valorização e auto-afirmação da sua história; ou o próprio Hélio Brito, em busca da história que irá apagar os limites entre ficção e realidade. E, como não poderia deixar de ser, nessas trajetórias não vão faltar interrupções e procura por informações ao longo do caminho.

Da ficção, Hélio Brito traz a encenação, a reconstituição dos fatos, o flashback, a montagem, o fechamento dos espaços, a câmera invisível. Trazem, ainda, os diálogos como base da interação entre seus personagens. Da História ao Cinema, ele traz registros aparentemente documentais, a presença da folia em cena, a intervenção do aparato no mundo retratado, o centenário de construção da igreja e casarões dentre outros.

É o que acontece na sequência em que Nilton se encontra dentro da história de Pontal do Norte fica perplexos, instante seguido de cena que ilustra a situação imposta às produções de ficções: —O espectador —personagem do enredo tem a cabeça decepada, mas não morre. E, é na junção de características dos dois gêneros, que Hélio Brito balança as estruturas do processo mental que compõem o público nas imagens cinematográficas. Prontamente não somos capazes de dizer se o que vemos é representação do real ou se é apenas uma construção dele.

Durante a primeira sequência do filme, fica claro que aquilo ao que se assiste é uma reconstituição dos fatos sendo, portanto, ficção. Tal constatação se faz óbvia também na reconstituição da história de Porto Nacional e suas tradições culturais, bem como o seu cenário ou mesmo no encontro com a Catedral de Nossa Senhora das Mercês, quando ele engendra a sua disposição —convenhamos. Portanto isso conota algum tipo de documentação objetiva do real. As cenas do jovem no filme, os encontros de Nilton com a história ficcionista de Porto Nacional, o encontro entre o falso e o verdadeiro e a continuação do processo, ao

contrário, carregam consigo fortes indícios de que suas imagens têm como origem a realidade pura, um registro objetivo do que teria, de fato, acontecido.

Como se já não fosse suficientemente complicada a tarefa de tentar definir o que é ficcional e o que é realidade documentada em *-A massa que faz o pão* (2018), as declarações das cenas de Hélio Brito auxiliam no embaraço desses limites. No filme, ele reconstituiu grande parte das cenas que tinham aparência documental, o que acaba sendo aceito pelo público como o real captado pela câmera da equipe. E é aí que reside o problema: sem uma historiografia, nunca sabemos o que vemos. E, em *-A massa que faz o pão* (2018), não é diferente. Ao contrário, permeia e é o objetivo de todo o filme.

Poderíamos assistir ao filme milhares de vezes até conseguirmos exemplos e indícios das maquinações de Hélio Brito. Um exemplo: ele aposta, na história cultural do lugar como forma de chamar a atenção para elementos que, se não vistos no filme, não receberiam a atenção necessária.

No filme, idas e vindas de um jovem e até seus momentos de perplexidade são colocados em primeiro plano. Em dado momento alguém uma voz ecoar chamando por Nilton, pois ele estava presente, e então descobrimos que aquela voz é da namorada de Nilton. No entanto, somente alguns segundos depois que ele acorda e a câmera vira-se para ele e para ela é que, numa ação que parece sugerir que a equipe ainda desconhecia esta informação. Mas, se ela desconhecia, por que anteriormente deu tanta importância ao jovem?

De acordo com a Jornalista Luciana Macedo (2019), o próprio Hélio Brito diz sobre *-A massa que faz o pão* (2018).

-O filme *A Massa que faz o Pão* ficou pronto em setembro de 2018, e foi lançado apenas no Festival Chico de Cinema e Vídeo do Tocantins, edição 2018, onde ganhou o prêmio de Melhor Filme, eleito pelo público, e gravar em Porto Nacional foi muito importante para mim, por dois motivos: os cenários da cidade são realmente cinematográficos e, em segundo lugar, porque Porto é a cidade onde eu nasci e vivi meus primeiros cinco anos de vida, contou Brito (MACEDO, 2019).

E ele não só conta como também participa da história de Porto Nacional, Hélio Brito está inserido na ação, representando o papel de um documentarista que conta uma história através de um filme de ficção com linguagem surrealista, transcorrido numa cidade imaginária onde ocorre o descontentamento por parte de descendentes dos escravos, pelo não reconhecimento das pessoas que trabalharam, por parte do poder público *-prefeito*, na solenidade pública para inauguração aos 150 anos de construção da igreja, Catedral São Domingos do Pontal.

Ela também representa outro papel através da ficção: a história de Porto Nacional. Hélio Brito faz parte da encenação que ele mesmo criou. Causa conforto, contentamento saber

que o diretor Hélio Brito nos pregou uma peça e, assim como na História o Cinema o fez, ficamos ainda mais contentado ao perceber que o ato de Hélio Brito e seu filme também são uma –postura. É construção, é ruptura com o ilusionismo que nos agrada e dá prazer.

Hélio Brito desenvolve um projeto anti-ilusionista, pois o rompimento que ele promove com modelos clássicos de representação é enriquecido com o seu poder de manipular as imagens e deixar tal intenção clara ao espectador. E não só manipular, mas construir falsos documentos e falsas verdades. Bem ao gosto anti-ilusionista, Hélio Brito não quer apagar as marcas da produção de seu filme, nem mesmo as pistas de sua falsificação das imagens documentais, seja por indícios dados pelo próprio filme, seja por suas pré-formas.

Portanto é preciso ir além. E –A massa que faz o pão (2018) é um exemplo que serve às discussões em torno desses níveis de representação e do questionamento da revelação realista.

Devem ser consideradas como fontes fílmicas interessantes para o estudo das relações entre Cinema e Representação Historiográfica não apenas os documentários historiográficos (representações historiográficas, propriamente ditas), mas também quaisquer filmes de ambientação histórica, e neste caso se enquadram, para além dos ‘filmes históricos’ romanceados, mesmo os filmes de pura ficção construídos sobre um contexto histórico bem definido. De fato, estes vários tipos podem ser considerados em certa medida como um tipo de ‘representação histórica’ atravessado pela ficção (ou um tipo de ficção atravessado pela ‘representação histórica’) (BARROS, 2017, p. 34).

Portanto assim, possibilitar o espectador e mostrar a ele que todo –real pode ser manipulado e apresentado com a forma que se deseja: encenação ou registro bruto da realidade. Esta questão é encarada e abordada de frente por Hélio Brito. E por frisar e expor as intensidades ou fragilidades da representação realista e a possibilidade de criá-la por meio de métodos verídicos é que –A massa que faz o pão (2018), se torna objeto de satisfação para o espectador. Ele vê à sua frente uma narrativa e um modelo de cinema, que intervém nos eventos filmados, que se mostra e se sujeita, e foge daquilo que a narrativa clássica ensinou a ver. Ele sai de sua ilusão e encara o fato de que o cinema é arte da manipulação e criação da realidade, não a representação pura dela.

De qualquer forma, devemos encarar –A massa que faz o pão (2018), e, por consequência, Hélio Brito, é um personagem, que reúne, em si, os atributos necessários para superar, de forma excepcional, um determinado problema de dimensão épica em um processo que quer dar ao espectador uma visão crítica e menos ingênua sobre o índice das imagens cinematográficas com a realidade. –A massa que faz o pão (2018), e tudo o que se podem discutir sobre ele, poderão ser exemplos claros de que a arte cinematográfica não está imersa num recipiente de objetividade e naturalidade que a torna a arte do real. Se o filme de Hélio Brito possui inúmeras realidades disfarçadas e mistura os níveis de ficção e realidade, não o

faz sem querer. Pois –o Cinema interfere na História, e com ela se entrelaça inevitavelmente (BARROS, 2017, p. 38).

Hélio Brito constrói uma realidade ficcionista para a história de Porto Nacional. Ele representa, interpreta fantasia e ilude. Tira proveito da história de Porto Nacional, pois conhece suas vontades e sabe como definir o caminho que quer dar à narrativa que criou, para proporcionar aos espectadores que lhe escolheu. –A massa que faz o pão (2018), é o resultado disso.

O curta-metragem de Hélio Brito, com seu hibridismo de gêneros, faz parte do grupo de obras que dão corpo a uma ordem da representação realista pela qual passam tanto a ficção como o documentário, promove uma ruptura nos universos criados ou representados pelo Cinema. Já somos capazes de dizer, com certeza, ao que estamos assistindo e a relação estabelecida pelo espectador com –A massa que faz o pão (2018), e, por extensão, com o Cinema, nos fazem pensar de forma crítica. E poderemos dizer, Hélio Brito atingiu seu objetivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresenta a seguinte questão de pesquisa: como o cineasta representa a cultura local e como se dá a relação entre ficção e realidades históricas? O filme -A massa que faz o pão (2018), portanto é também um meio de transmissão de mensagem, dessa forma, o cinema possibilita um vasto campo de comunicação por diferente forma e meio de linguagens. O cineasta na construção de um filme de ficção com abordagem de relação histórica desenvolve na sua pesquisa, o relacionamento da representatividade da realidade histórica ao seu público.

Tendo em vista os aspectos observados, os filmes não são concebidos como meros divertimentos, mas procuram levar ao público uma informação, quer seja a respeito do assunto de que tratam, quer seja pela linguagem a que recorrem que tende a diferenciar-se nitidamente do espetáculo tradicional, no ponto de vista de Bernardet (1980).

Levando-se em consideração esses aspectos, tendo em vista que filmes históricos não são apenas ficções dentro do seu tempo presente e que promovem diálogos com diversas outras temporalidades através das suas obras de base ou com as quais se comunica, podemos ampliar sua utilização nas Disciplinas de História bem como, História Cultura e Cinema, porém não apenas como documento, mas como um tipo de interpretação histórica a ser analisada e compreendida em outras áreas do campo multidisciplinar.

Desse modo o trabalho teve como objetivo geral abordar uma análise do filme enfatizando realidade e ficção dentro da cultura local portuense. Tendo como objetivos específicos; assistir minuciosamente o filme a fim de extrair material de estudo por meio do cenário, contexto e fala; analisar a relação entre História e Cinema e seus aspectos teóricos e práticos; analisar e abordar representações da dança que é uma das características que o filme trabalha sobre o imaginário da cultura local.

Desta forma o filme -A Massa que faz o pão (2018), foi gravado em Porto Nacional no Estado do Tocantins, sua narrativa de ficção com linguagem surrealista constrói a história ficcionista de Porto Nacional transcorrida numa cidade imaginária, chamada Pontal do Norte que durante uma solenidade de inauguração de um monumento em comemoração aos 150 anos de construção de uma Catedral católica, descendentes de escravos que carregaram as pedras para a construção que a mantém de pé, se rebelam contra a História Oficial da cidade e entram em conflito com poder público municipal. No conflito, um espectador da História -Nilton tem a cabeça decepada. Mas não morre.

Em virtude dos fatos mencionados foram realizadas uma série de sequências de cenas com as imagens dos lugares como o Centro Histórico, casarões centenários, becos, ruas estreitas, Praças, museus o Rio Tocantins dentre outros. Assim sendo a história e o contexto de tradição cultural onde combina e mistura cenas e narrativas distintas: o ensaio da dança súa com os versos –A formiga que dói é a jiquitaia, com o objetivo de reconstruir a narrativa da cultura local portuense, além de reconstruir a história da dança cultural no cinema. Cada narrativa segue uma linha cronológica própria, são divididas em cenas que se misturam com as outras narrativas.

Em vista dos argumentos apresentados com base nos dados coletados na pesquisa foi constatado que a relação cinema e história, são de grande importância sua parceria contribuiu para a afirmação do cinema como arte, tendo em vista que o cinema possibilita recriar a história em sua particularidade ficcionista épica ou surrealista.

Desta forma através da análise do filme –A Massa que faz o pão (2018), esperamos ter exemplificado como um filme de ficção com linguagem surrealista épica traz em geral uma representação de determinada época que é, na verdade, uma fusão que faz parte dos registros históricos e do que faz parte do universo fílmico do realizador, ao mesmo tempo em que transmite questões e preocupações contemporâneas à sua realização. No caso –A Massa que faz o pão (2018), é um meio termo entre a representação da realidade histórica e uma ficção com abordagem surrealista.

Vale ressaltar que, embora já tenha havido alguns trabalhos com a temática apresentada, ainda é perceptível os desafios que precisam ser superados, neste campo do conhecimento, que tem o cinema como agente reflexivo, que se constitui em um dos modos de expressão cultural da sociedade industrial e tecnológica contemporânea.

REFERÊNCIAS

A MASSA QUE FAZ O PÃO; Direção: Hélio Brito. Produção: Sandra Alves e Maria Lúcia Rocha. Porto nacional: HB Videofilmes e Krahô Films, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/ocKn1ECK8Bc?t=37>. Acesso em: 28 out. 2021 (15 min).

BARROS, José d'Assunção. **CINEMA-HISTÓRIA: Múltiplos aspectos de uma relação.** // **REVISTADISPOSITIVA**, v. 3, n.º 1 // em 10 Nov. 2017. **Disponível em:** https://www.researchgate.net/publication/320977476_CINEMAHISTORIA_Multiplos_aspectos_de_uma_relacao_CINEMAHISTORY_history_multiple_aspects_of_a_relationship. Acesso em 25 nov.2021.

BERNARDET Jean-Claude: O que é cinema. 1980. https://www.academia.edu/3746096/O_Que_%C3%A9_Cinema_Jean-Claude_Bernadet. Acesso em 25 jan. 2022.

CARMEN Tatiane Oliveira Rodrigues e Mariléia Oliveira Bispo: **Súcia: uma dança de manifestação cultural e religiosidade em MONTE DO CARMO – TO; NURBA – N. 1, 2015, p. 144-161.** Disponível em. file:///D:/Downloads/1935-Texto%20do%20artigo-10998-2-10-20160317%20(2).pdf. Acesso em: 29 out. 2021

CRISTIANE Freitas Gutfreind: O filme e a representação do real - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação; Agosto de 2006 - 5/12.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JULIANA Benetti. Da realidade à ficção: análise da representação da ditadura nos filmes -hércules 56ll e -o que é isso, companheiro?" — **Revista Livre de Cinema p. 23-39 v.1, n. 1, jan/abr, 2014.**

MACEDO, Luciana. **Gravado em Porto Nacional o curta-metragem “A Massa que faz o Pão” foi lançado no recém-inaugurado Cine Clube Rios.** Sec. de Cultura e Turismo 27 Junho 2019. Disponível em: <https://www.portonacional.to.gov.br/index.php/blog-de-noticias/38-sec-de-cultura-e-turismo/1929-gravado-em-porto-nacional-o-curta-metragem-a-massa-que-faz-o-pao-foi-lancado-no-recem-inaugurado-cine-clube-rios#:~:text=O%20filme%20%C3%A9%20protagonizado%20pelos,trilha%20sonora%20de%20Esdras%20Campos>. Acesso em: 30 out. 2021.

MACÊDO Helenize Carlos de; Cavalcanti, Senyra Martins. A análise fílmica e a formação de professores: relato de experiência com o filme -a better lifell, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2013/pdf/7298_6149.pdf. Acesso em 25 nov. 2021.

MARÇAL de Castro Neves, K. C. (2006). Cinema: a modernidade e suas formas de entretenimento. *fênix - revista de história e estudos culturais*, 3(4), 1-16. Recuperado de <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/799>

MEDINA, Josiane. As representações da dança: uma análise sociológica. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v.14, nº 02, p.99-113, maio/agosto de 2008.

MEIRELLES, William Reis. **O cinema como fonte de estudo para a História**. V.8. Londrina, 2002. P.155-167.

MOLETTA, A. **Criação de curta-metragem em vídeo digital [recurso eletrônico]: uma proposta para produções de baixo custo**. 4. Ed. São Paulo: Summus, 2019. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Cria%C3%A7%C3%A3o_de_curta_metragem_em_v%C3%ADdeo_di/A5S4DwAAQBAJ?hl=ptBR&gbpv=1&dq=O+QUE+%C3%89+SURREALISMO+NO+CURTA+METRAGEM&pg=PT99&printsec=frontcover. Acesso em: 01 nov 2021.

MOREIRA, A. K. **Filme com artistas portuenses concorre à premiação no 13º festival latino americano de cinema de canoa quebrada**. Sec. de Cultura e Turismo. Publicado: 20 Janeiro 2021. Disponível em: <https://www.portonacional.to.gov.br/index.php/blog-de-noticias/38-sec-de-cultura-e-turismo/2564-filme-com-artistas-portuense-concorre-a-premiacao-no-13-festival-latino-americano-de-cinema-de-canoa-quebrada>. Acesso em 02 nov. 2021.

MORETTIN E. V: O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003. Editora UFPR

OLIVEIRA, R. M. de. JOÃO, M. T. D. **O cinema no ensino de história e a influência da indústria cultural cinematográfica**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 04, Ed. 07, Vol. 06, pp. 132-151. Julho de 2019. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/cinema-no-ensino>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SANTOS, S. dos; LÓDE, M.; VENTURA, H. **Dança contemporânea integrada à capoeira enquanto elemento educacional de escolares com idade entre 7 e 8 anos**, 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/educacaofisica/artigo/danca_contemporanea_capoeira.pdf. Acesso em: 02 nov. 2021.

SILAS, W. **Porto Nacional | Gravações do filme “A massa que faz o pão” terminam na próxima semana**. De Atitude Tocantins publicado:16 de abril de 2018 - 21:50 em Cultura, Destaques, Entretenimento, Estado, Notícias, Vídeos. Disponível em: <https://www.atitudeto.com.br/noticias/porto-nacional-gravacoes-do-filme-massa-que-faz-o-pao-terminam-na-proxima-semana/>. Acesso em: 02 nov. 2021.

SILVA, Rebecca Caroline Moraes; **Considerações sobre o Cinema e a Análise Fílmica no Campo da História**; Universidade Estadual de Londrina, 2015.

SOUSA, A. S. de; Oliveira, S. de O; ALVES, L. H: **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Publicado: Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021. Disponível em: <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/download/2336/1441> Acesso em: 02 nov. 2021.

SCHVARZMAN, Sheila. História e historiografia do cinema brasileiro: objetos do historiador. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, v. 10, n. 17, 2016.